

Aprendendo percussão no Programa “Gente em Primeiro Lugar”

[COMUNICAÇÃO]

*Amanda Martins Barbosa
Universidade Federal de Juiz de Fora
mandicamb@gmail.com*

Resumo: O presente artigo reflete sobre o ensino de música fora da escola regular e da escola de música convencional. A reflexão partiu de observações realizadas em oficinas de percussão de um projeto social da Prefeitura de Juiz de Fora - MG. Como referencial teórico recorreu-se a textos sobre o ensino de música em outros contextos educativos e sobre os conceitos de educação formal, não-formal e informal. Quanto ao procedimento metodológico, realizou-se um microestudo etnográfico que envolveu observação participativa das oficinas de percussão do Programa Gente em Primeiro Lugar entre Setembro e Outubro de 2018, além de uma entrevista semiestruturada com o professor responsável das oficinas. O estudo evidenciou que o ensino de música neste contexto une objetivos propriamente musicais e a responsabilidade de um trabalho social.

Palavras-chave: Educação não-formal. Percussão. Música em outros contextos.

Introdução

O presente trabalho reflete sobre o ensino de música em outros contextos educativos, com o objetivo de conhecer e refletir sobre o ensino de música fora da escola regular ou da escola de música convencional, partindo das seguintes questões: Como acontece o aprendizado de música? Como é a leitura musical? O professor tem formação na área? Existe um planejamento das aulas? Os alunos sistematizam o que aprendem?

Durante dois meses, setembro e outubro de 2018, observaram-se duas turmas de oficinas de percussão do Programa Gente em Primeiro Lugar (Juiz de Fora - MG). Procurou-se identificar as práticas em relação ao planejamento e metodologias das aulas; refletir acerca do trabalho de música não-formal; analisar como o professor autodidata transmite os conteúdos e como esses alunos aprendem.

Quanto ao procedimento metodológico de pesquisa, realizou-se um microestudo etnográfico, onde “a maior preocupação da etnografia é obter uma descrição densa, a mais completa possível sobre um grupo particular de pessoas e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que fazem” (MATTOS, 2011, p. 54).

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com o professor responsável pelas oficinas e, compõem também, as fontes da pesquisa, textos e autores que trabalham o ensino de música em outros contextos como Maria da Glória Gohn, Martha Marandino, Maura Penna e Rodrigo Heringer Costa.

1. Educação Não-Formal: o ensino de música em outros contextos educativos

Um dos grandes desafios da educação musical atualmente tem sido contemplar a diversidade sociocultural existente, bem como encontrar meios de aproximar significativamente a música dessas realidades, considerando contextos, espaços e metodologias que transcendem os universos formais das instituições. Para tanto, estudiosos da área têm centrado seu foco de estudo e o seu campo de abordagens em práticas diversificadas nos múltiplos contextos de ensino e aprendizagem que se estabelecem em nossa sociedade.

Para Gohn (1999) a educação formal designa um processo desenvolvido nos aparelhos escolares institucionalizados. A educação que é transmitida pela família através dos pais, que se adquire no convívio com os amigos, clubes, teatros, ao se ler revistas, jornais e livros é considerada como tema da educação informal. A educação informal “decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar” (GOHN, 1999, p. 100). A educação não-formal seria um conjunto de processos delineados para alcançar os indivíduos em áreas de extensão rural, animação comunitária, treinamento vocacional ou técnico. A autora cita Coombs e Ahmed que, nos anos setenta, definiram a educação não-formal como uma atividade educacional e sistemática, realizada fora do marco formal. O objetivo seria proporcionar aprendizagens a grupos distintos da população [...] (COOMBS e AHMED, apud GOHN, 1999).

Martha Marandino, no seu texto “*Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?*”, fala da ampliação do interesse nos espaços de educação não-formal nos últimos anos e nos mostra que no Brasil, nos últimos quinze anos, políticas públicas voltadas à inclusão social foram propostas.

A Educação não-formal, segundo documento da UNESCO “*Learning to be: the Faure report*” (1972) seria qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem.

São atividades educacionais organizadas e sistematizadas que ocorrem fora do sistema formal estabelecido, com atividades pensadas e desenhadas para atender um grupo específico, com objetivos de aprendizado bem delineados. A Educação não-formal ocorre valendo-se de um menor grau de sistematização e de burocratização.

Entre as diversificadas práticas e suas formas de ensino e aprendizagem da música na sociedade contemporânea destacam-se, ao longo das últimas duas décadas, a forte ascensão dos projetos sociais, muitas vezes ligados a ONGs e outras instituições do terceiro setor, que focam um ensino da música contextualizado com o universo sociocultural, tanto dos alunos quanto dos múltiplos espaços em que acontecem.

Essas práticas musicais propostas contemplam um número significativo de pessoas que, não tendo acesso ao ensino musical formal, encontram nesses projetos a possibilidade de conhecer, fazer e praticar música. Kleber (2003, 2003a, 2004) em seus estudos, reafirma a importância das ONGs enquanto um campo emergente e significativo para uma educação musical inclusiva, que, agregada a dimensões mais amplas são capazes de promover a transformação social. É possível perceber, de acordo com Souza (2001), que:

Crianças e jovens talvez “aprendam” música, hoje, mais em seus ambientes extraescolares do que na escola propriamente dita, pois não há dúvida de que é possível aprender e ensinar música sem os procedimentos tradicionais a que todos nós provavelmente fomos submetidos (SOUZA, 2001, p. 85).

Os projetos propostos por essas organizações extrapolam os limites formais de ensino, e são realizados em diferentes espaços, dentro das próprias comunidades, criando assim uma forte aproximação entre a realidade de seu público e a prática educativa. Entre os projetos que se apresentam com bons resultados estão os que utilizam a música como instrumento de educação.

2. O Programa Gente em Primeiro Lugar

O Programa “Gente em Primeiro Lugar”, da Prefeitura de Juiz de Fora - MG, atua desde 2009 com objetivo de levar aos bairros e comunidades selecionadas atividades de arte, cultura e cidadania, atendendo crianças e adolescentes de seis a quatorze anos.

São oferecidas oficinas gratuitas nas áreas de Artes Visuais, Capoeira, Dança, Música e Teatro, ministradas no contra turno da escola, que ocorrem em diversos espaços dentro das comunidades como: associações de moradores, escolas municipais e estaduais, espaços religiosos, clubes, salões, etc. Atualmente o programa abrange mais de 40 bairros da cidade, atendendo mais de 3.000 alunos.

O Programa tenta criar e disponibilizar espaços para que a sensibilização de jovens aconteça através das artes e atividades culturais, buscando ampliação dos espaços de socialização e diálogo para assimilação da convivência. O profissional responsável pelas oficinas é nomeado como um articulador cultural e não como professor, já que são preparados para divulgar direitos e deveres do cidadão e trabalhar, além do conhecimento de sua oficina, a vivência prática de valores sociais e respeito a si e ao próximo, focando na vivência plena da cidadania na prática diária, no planejamento e no desenvolvimento das ações.

Os articuladores são contratados por seleção de currículo e entrevista, sendo exigido o ensino médio e comprovação artística dentro da sua área, primando principalmente pela experiência. A carga horária do profissional é de 40 horas semanais, sendo distribuídas em oficinas em bairros diversos, em eventos do programa e uma reunião de planejamento e formação semanal.

A prática é coletiva, os articuladores trabalham com turmas de 05 a 28 alunos com faixas etárias variadas.

Dentro da área de Música, o programa atende com aulas de três instrumentos musicais: Flauta-doce, violão e percussão, em 35 bairros de Juiz de Fora, num total de 75 oficinas.

O programa disponibiliza o material necessário para as oficinas como: instrumentos (flauta, percussões, violão), baquetas, talabares, estantes de partitura, cadernos, lápis, canetas, e etc.

O foco da Música nas oficinas é o desenvolvimento do potencial sonoro-rítmico do aluno, aliado ao desenvolvimento das faculdades da percepção, da atenção, da criatividade, além do prazer de tocar e cantar.

Dentro da formação semanal dos articuladores, a equipe de Música prepara as aulas, debate textos, estuda conceitos e métodos musicais, assiste documentários e compartilha experiências. A equipe é composta por 02 articuladores de percussão, 03 articuladores de flauta-doce e 01 articulador de violão. A formação dos articuladores é variada: autodidatas, curso técnico do Conservatório Estadual de Música e Licenciatura em Música.

O programa se encaixa como um espaço de educação não-formal pois, como vimos anteriormente, oferece oficinas no contraturno escolar, em espaços diversificados das comunidades, atendendo crianças de faixa etária diversificada e, além disso, é mantido pela Prefeitura mas gerenciado por uma Organização Social (Terceiro Setor).

3. Aprendendo percussão no Programa Gente em Primeiro Lugar.

A observação foi realizada nas oficinas de Percussão do articulador Anderson “Fofão”. As oficinas ocorrem em espaços cedidos pela comunidade, em vários bairros da cidade, para até 15 alunos de faixas etárias diversas, ao mesmo tempo.

O acompanhamento das oficinas se deu durante Setembro e Outubro de 2018, no Instituto de Assistência Social Padre João Emílio.

O Instituto localiza-se no bairro Alto dos Passos (Juiz de Fora - MG), e existe desde 1896, fazendo parte da Arquidiocese de Juiz de Fora. Atende crianças em situação de risco social e abandono, oferecendo reforço escolar, refeições e outras atividades. A instituição conta com o auxílio de funcionários, voluntários,

estagiários, parceria com outras instituições e a ajuda financeira espontânea da população. Atualmente, são beneficiadas 135 crianças, de 06 a 14 anos de idade, oriundas de diversos bairros e em estado de vulnerabilidade social.

Entre as atividades oferecidas para estimular o crescimento e inclusão dos jovens, estão oficinas de dança, artesanato, hip hop, grafite, percussão e capoeira, em parceria com o Programa Gente em Primeiro Lugar, e reforço escolar por voluntários e estagiários, que acontecem de segunda à sexta-feira, entre os meses de fevereiro e dezembro.

O Instituto localiza-se num casarão muito amplo, com diversas salas, refeitório, jardins, pátio e quadra esportiva. Todo o local é muito limpo, claro e “escolar”: com carteiras, quadros, cartazes educacionais, e etc.

O articulador Anderson, apelidado de “Fofão”, é um multi-instrumentista autodidata. Sua formação, de acordo com a entrevista concedida, se deu na prática e em casa. Ouvia sua avó paterna tocar acordeom na igreja, frequentava serestas com a mãe e brincava com os instrumentos que tinha em casa. Além disso, acompanhou mestres percussionistas regionais. De acordo com o articulador:

A partir do momento que descobri a naturalidade com que a música brotava e a capacidade de tocar acompanhando alguém, comecei a me dedicar e cada vez mais estudar meu instrumento. Quando digo estudar meu instrumento, falo de pesquisa e prática insaciável de todas as possibilidades que aquele instrumento oferece dentro dos meus limites (FOFÃO, 2018).

Na autoaprendizagem, como nos mostra Garcia (2011, p. 55) o indivíduo exerce plena autonomia e controle sobre suas práticas educacionais. A sua interação com os múltiplos ambientes de aprendizagem permite o envolvimento ativo no processo de aquisição de conhecimentos e habilidades.

Garcia acredita que o indivíduo que decide aprender música sozinho demonstra muito interesse e relaciona o estudo com as informações presentes no seu cotidiano, procurando elementos na sua vida diária que acrescentem e contribuam para seu aprendizado. “Estabelece para si as condições para desenvolver seu potencial objetivando independência, criatividade e

autoconfiança, e combina sentimentos e inteligência para obter resultados” (Garcia, 2011, p. 56).

Na prática da autoaprendizagem, o indivíduo constrói suas próprias conclusões a partir da mistura de informações oriundas de fontes diversas. Essas informações se relacionam com os gostos, valores e experiências pessoais.

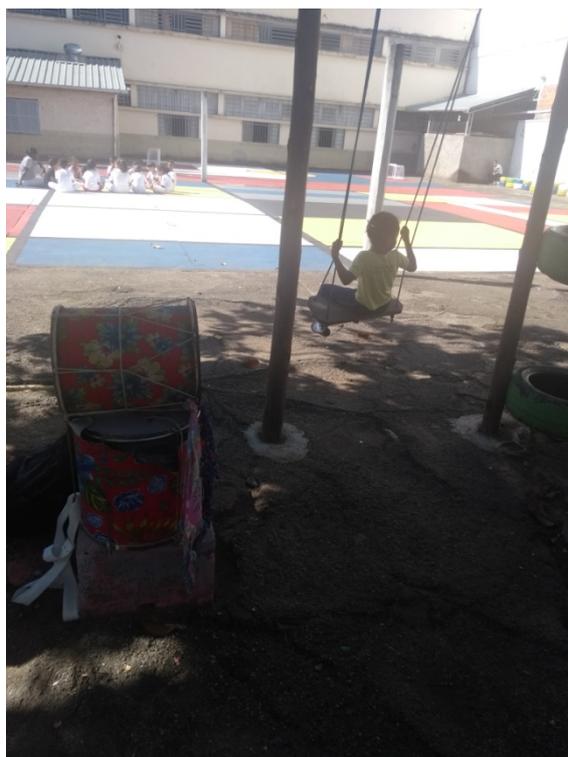
Ao ser questionado sobre a diferença entre articulador cultural e professor, Fofão apoia o termo utilizado pelo programa. Ele acredita que “professor” confere, de certa forma, um sentido de superioridade e isso cria uma distância entre educador e aluno.

As oficinas de percussão eram ministradas em duas turmas: a primeira (turma A) com 12 alunos de 10 a 14 anos, com aulas na terça e quarta-feira de 08h às 09h; e a segunda (turma B) com 14 alunos de 06 a 09 anos, com aulas na terça e quarta-feira de 09h às 10h. Essa diversidade de idades é um fator complexo, de acordo com Fofão, por isso, nas oficinas sempre tentava manter o clima de brincadeira e jogos para os alunos não se desinteressarem.

O espaço das aulas foi o fator que mais chamou a atenção: o pátio do Instituto. Como a oficina de percussão faz muito barulho, a área externa foi o local escolhido para não atrapalhar as outras aulas. Fofão acredita que este local é um fator positivo, já que para sua oficina, a criança sai do ambiente fechado de uma sala de aula comum.

O pátio tem uma área aberta muito extensa, com quadra, jardim e “parquinho”. O articulador ministrava suas oficinas próximas ao parquinho, embaixo de duas grandes árvores. Os alunos se sentavam no balanço, em bancos de alvenaria ou se distribuíam em pé, apoiando os instrumentos nos bancos. No mesmo pátio, próximo às oficinas de percussão, acontecia simultaneamente a oficina de capoeira, e uma não interferia na outra. Essa dinâmica de aulas já era natural para os alunos.

FIGURA 1 - Pátio do Instituto com oficinas de percussão e capoeira.



Fonte: Fotografia produzida pela autora, no trabalho de campo.

Os instrumentos e acessórios utilizados - surdos, repiniques, caixas, agogôs, pandeiros, baquetas, macetas e talabares - são do Programa Gente em Primeiro Lugar. O número de unidades de cada instrumento é limitado, não havia o mesmo instrumento em quantidade para todos os alunos, dessa forma o articulador trabalhava com instrumentos variados na mesma aula, e em algumas situações, dois alunos tocavam o mesmo tambor.

O “Fofão” demonstrou, durante todo acompanhamento, ter um ótimo relacionamento com os alunos. Demonstrava uma ampla pesquisa nas manifestações culturais regionais e afro-brasileiras, trabalhando principalmente ritmos como Maracatu, Afoxé, Ijexá, Baião, Coco, Maculelê, Congada, Jongo e

Samba. Além da história desses ritmos, o articulador enfocava a importância da ancestralidade e da diversidade cultural.

Em todas as aulas o articulador contava com a ajuda dos alunos para buscar os instrumentos e “montá-los”, sempre com empolgação e ansiedade de todos para tocar. As aulas iniciavam com um alongamento corporal e depois um aquecimento com trabalho de pulsação, já realizado desde o início do ano. Nesta atividade, os alunos caminham, batem palmas e dançam, de acordo com a pulsação indicada pelo articulador. Depois, cada um com um instrumento, toca marcando pulso (semínimas), divisão (colcheias) e subdivisão (semicolcheias).

O processo de ensino-aprendizagem dá-se, principalmente, por imitação. Com os alunos mais novos, ainda não alfabetizados, o articulador utiliza a “leitura alternativa” usando figuras geométricas, já que são muito presentes no cotidiano dos alunos - em manetes de videogames, por exemplo. Cada vértice representa uma batida no instrumento, por exemplo: ao ver um quadrado, os alunos executavam 04 semicolcheias; o triângulo refere-se às quiálteras; o círculo remete a 02 colcheias e o X representa pausa. A aula acontece como uma brincadeira, um jogo. Com adolescentes, a repetição e a audição são mais exploradas. Fofão utiliza de frases e palavras para ensinar padrões rítmicos como, por exemplo: pão (semínima), bo-lo (colcheias) e Cho-co-la-te (semicolcheias). O uso dessa leitura alternativa, aliada ao aprendizado por imitação cumpria a missão de ensinar ritmos diversos.

Em seguida ao aquecimento, o articulador indica qual o ritmo será explorado naquela aula _ maracatu, baião, ijexá, etc. _ e demonstra a célula rítmica a ser executada por cada instrumento. De início, um aluno mantém a pulsação e os outros fazem o toque determinado para cada instrumento (aprendido anteriormente por imitação). Depois, troca-se o aluno da “marcação” (pulsação) e os outros trocam os instrumentos. É frequente que os alunos escolham uma canção, adequada ao ritmo que está sendo executado, para cantar acompanhados pelos instrumentos.

O articulador rege-os usando toques no apito. A cada padrão de toque do apito os alunos compreendem se é pra pausar (um toque breve), mudar o toque (dois toques curtos), realizar uma “virada” ou encerrar (um toque longo). Para tal

entendimento, o articulador repete esses toques diversas vezes, e assim os alunos acabam decorando.

O ensinamento é praticamente através da repetição, demonstrando como se faz e em seguida sendo reproduzido pelos alunos. Durante todo o processo o articulador observava e pontuava a postura, a forma de pegar a baqueta, a maneira e a dinâmica de tocar cada instrumento, com palavras de incentivo e apoio. Sempre atentava os alunos para o timbre ideal de cada instrumento, exigindo uma audição atenta.

O planejamento das oficinas, de acordo com “Fofão”, é anual, mas vai se adaptando e se moldando conforme o andamento e desenvolvimento de cada turma. Sua forma de trabalhar não é rígida e igual com todas as turmas. Os conteúdos são baseados nos temas estudados e trabalhados nas reuniões semanais do Programa Gente em Primeiro Lugar, em consonância com os outros articuladores. De acordo com o mesmo, a equipe pesquisa textos de pedagogos musicais, experimenta atividades de métodos, assiste vídeos de internet e troca experiências entre os mesmos.

O acompanhamento das oficinas foi muito prazeroso. É perceptível que o articulador “Fofão” promove uma educação musical lúdica, dinâmica e embasada, trabalhando com conteúdos regionais, sem deixar de trabalhar os tradicionais - como grave/agudo, pulsação, intensidade, etc. - de uma forma envolvente e diversificada, não se prendendo somente às técnicas de instrumentos ou teoria musical. Ele permite que os alunos cantem e toquem as músicas que ouvem em casa e em seus cotidianos. Além disso, o articulador enfatiza o coletivo, a importância do respeito e da boa convivência. A prática musical não é convencional. Os alunos aprendem brincando/jogando, cantando e tocando, e o articulador está sempre preocupado com a consistência do conteúdo musical transmitido, mas, também, muito atento à questão social e afetiva, respeitando as especificidades de cada aluno.

Durante as conversas informais com o articulador, o mesmo sempre se mostrou atualizado, pesquisando métodos e lendo textos da área da educação musical.

No dia 31 de Outubro de 2018, o Programa Gente em Primeiro Lugar realizou um Recital, com apresentações de algumas oficinas da área de Música.

Foi emocionante assistir alunos das oficinas acompanhados se apresentando. Com o tema “De Norte a Sul”, o recital passeou pela cultura de cada região do Brasil. Cerca de 80 meninos e meninas se apresentaram em um espetáculo envolvente e de qualidade.

4. Considerações

A educação musical pode acontecer em muitos contextos além do espaço escolar. Sendo assim, buscou-se analisar a prática de um professor de Música não convencional, autodidata, identificando suas estratégias, metodologias e formas de avaliação.

A metodologia utilizada pelo articulador é a observação e a prática através da repetição e imitação. Os alunos respondem muito bem a essa metodologia. Verificou-se que o processo de ensino-aprendizagem é desenvolvido com a exploração de conhecimentos em diversos aspectos referentes às origens da arte afro-brasileira, dos toques dos instrumentos e dos cantos regionais.

O trabalho desenvolvido pelo articulador é praticamente um trabalho de regente, pois, além de ensinar como se toca, o mesmo permanece atento a todos os alunos, alertando-os quanto à dinâmica, ao andamento e realizando as chamadas e as entradas dos instrumentos.

O trabalho do articulador transcende a mera transmissão de conteúdo. Fofão demonstrou ser um profissional capaz de disseminar conhecimentos prático-teóricos, mas, muito além disso, trabalhar questões sociais, o que multiplica sua importância na questão da formação de um cidadão. As oficinas constroem saberes contextualizados com o universo particular de cada indivíduo e de cada grupo social.

Penna et al. (2012) mostraram que projetos de educação não-formal, muitas vezes, conseguem articular as seguintes funções:

Funções Essencialistas - voltadas para os conhecimentos propriamente musicais, enfatizando o domínio técnico-profissionalizante da linguagem e do fazer artístico - e as Contextualistas - que priorizam a formação global do indivíduo, enfocando aspectos psicológicos ou sociais... (PENNA et al., 2012, p. 66).

Acompanhar as oficinas de percussão do Programa “Gente em Primeiro Lugar” me trouxe esta reflexão sobre o ensino de música em espaços não-formais. O Programa demonstrou ir além do ensinar um ofício e de somente passar informações, mas evidenciou uma preocupação com a formação integral do ser, uma mobilização equilibrada das duas funções (Essencialista e Contextualista) neste universo observado.

A partir dessa experiência pude ver que é possível um ensino de música democrático e inclusivo, que constrói saberes contextualizados com o universo particular de cada indivíduo e de cada grupo social. Não sendo possível “prescindir da música, nem, em nome dela, deixar de lado objetivos de formação geral” (PENNA et al., 2012, p. 76).

Além disso, pude tomar contato com outras experiências de ensino e aprendizagem de música, mais próximos da oralidade, o que acabou por enriquecer minha prática como professora de música em espaços não-formais e também nos espaços formais, como escolas de educação básica.

Referências

ALMEIDA, C. M. G. de. *Educação musical não-formal e atuação profissional*. Revista da Abem, n. 13, p. 49-56, set. 2005.

FOFÃO, Anderson. *Entrevista concedida*, 2018.

GARCIA, Marcos da Rosa. *Processos de autoaprendizagem em guitarra e as aulas particulares de ensino do instrumento*. Londrina: Revista da ABEM, v. 19, N.25, p. 53- 62, jan-jun 2011.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. Edição 03. São Paulo: Cortez, 1999.

GOHN, D. M. *Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas*. São Paulo: Anna Blume, 2003

GOHN, M. da G. *Educação não formal no Brasil: anos 90*. Cidadania/Textos, n. 10, p. 1-138, nov. 1997.

KLEBER, Magali. (2003). *Terceiro setor e projetos sociais em música*. In: *Ponto de vista*. Disponível em <<http://rets.rits.org.br>>. Acessado em 07 de fevereiro de 2006.

_____. (2003a). *Projetos sociais e a prática da educação musical*. In *Anais do XIV Congresso da ANPPOM*. XIV Congresso da APPOM, Porto Alegre, de 18 a 21 de agosto de 2003, p. 1484-1595.

_____. (2004). *Terceiro setor, ONGs e projetos sociais em música: breves aspectos da inserção no campo empírico*. In *Anais do XIII encontro anual da ABEM*. XIII Encontro anual da ABEM, Rio de Janeiro, de 18 a 22 de outubro de 2004, p. 677-684.

MARANDINO, Martha. *Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?* *Ciência e Educação*, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

MATTOS, CLG. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. In MATTOS, CLG, and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books .

PENNA, Maura; BARROS, Olga Rennali Nascimento e; MELLO, Marcel Ramalho de; *Educação Musical com função social: qualquer prática vale?* *Revista d ABEM*. Londrina, Jan. jun 2012, p. 65-78.

SOUZA, Eduardo Conegundes. *Reflexões sobre a atuação da educação musical na educação não-formal*. In: FERNANDES, R.; PARK, M.; SIMSON, O. *Educação não-formal: cenários da criação*. São Paulo: UNICAMP, 2001. p. 303-315.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. *Learning to be: The world of education today and tomorrow*. 1972. Disponível em: <http://www.unesco.org/education/pdf/15_60.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2018.b

WILLE, R. B. *Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes*. *Revista da Abem*, n. 13, p. 39-48, set. 2005.